

Exigência de gêneros textuais nas provas de redação da UFCG

Elizabeth Maria da Silva
Denise Lino de Araújo
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: Tendo em vista que algumas instituições, a exemplo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), vem requisitando, na prova de redação, a escrita de um gênero textual e não mais da dissertação, tradicionalmente solicitada na escola e na maioria dos vestibulares, este trabalho tem como principal objetivo descrever e analisar as provas de redação aplicadas nos vestibulares da UFCG em 2007. Os dados, analisados a partir dos estudos de letramento (Barton; Hamilton, 2000; Gee, 2000; Vóvio; Souza, 2005), indicaram que as práticas letradas escolares parecem não ser suficientes para que os candidatos demonstrem as práticas exigidas por tais provas, visto que outros letramentos, como o midiático, também são exigidos.

Palavras-chave: Redação; gêneros textuais; práticas letradas.

INTRODUÇÃO

Em conversas informais com nossos alunos e colegas de trabalho, temos percebido que a redação de vestibular parece ser uma das preocupações da maioria de professores e alunos que faz parte da terceira série do ensino médio ou de cursinhos pré-vestibular. Um dos principais motivos que justificam tal preocupação é o fato de que a prova de redação¹ é eliminatória nos processos seletivos, conforme o artigo 1º da Portaria N° 94/2001 estabelecida pelo Ministério de Educação e Cultura:

todos os Processos Seletivos para ingresso nas Instituições Públicas e Privadas pertencentes ao Sistema Federal de Ensino Superior incluirão necessariamente uma prova de redação em língua portuguesa, de caráter eliminatório,

¹ Nos vestibulares do Brasil, a redação ora é denominada de questão de redação, ora de prova de redação. Optamos por esta segunda nomenclatura pelo fato de ser a denominação mais recorrente nos exames e a utilizada na portaria do MEC N° 94/2001.

segundo normas explicitadas no edital de convocação do processo seletivo.

Na literatura sobre escrita, há vários estudos referentes à redação de vestibular. Temos, por exemplo, trabalhos voltados para a observação de “acertos” e “erros” quanto ao uso da variedade padrão da língua portuguesa (cf. Ferreira, 1979; Gualberto, 1979), pesquisas referentes à textualidade das redações (cf. Lemos, 1977; Pécora, 1986; Rocco, 1981; Costa Val, 1999; Limbert, 2006), bem como estudos voltados para a caracterização da redação de vestibular como um gênero textual (cf. Pilar, 2001; Pavani; Köche, 2006; Zanutto; Oliveira, 2004; Hila, 2007). Além desses trabalhos, há alguns tematizando os critérios de correção de redação a exemplo do realizado por Therezo (2002).

Em todas as provas de redação focalizadas pelos pesquisadores referidos, há um ponto em comum: é exigida a produção de dissertações. A solicitação da escrita deste gênero escolar é, de fato, recorrente nas provas de redação da maioria dos vestibulares realizados nos estados do Brasil (cf. UFAC, UFAL, UFRJ, UFSC, UFSP, entre outros), com exceção das provas aplicadas por algumas instituições tais como UFRN, UNB, UEPB, UFCG e UFPB, nas quais vem sendo exigida a produção de gêneros textuais diversos.

Tendo em vista o novo direcionamento que foi dado às provas de redação, em alguns vestibulares, especialmente nos aplicados pela Universidade Federal de Campina Grande², (artigo de opinião e relato de experiência, UFCG 2005; depoimento e carta denúncia, UFCG 2006; carta protesto e memorial, UFCG 2007; reportagem e análise comparativa de dois poemas, UFCG 2008; abaixo-assinado e artigo jornalístico, UFCG 2009), traçamos como principal objetivo deste artigo descrever e analisar as práticas letradas requeridas nessas provas. Focalizaremos, mais especificamente, as provas aplicadas em 2007 nos vestibulares regular e especial.

² O vestibular aplicado por esta instituição é relativamente recente, já que a UFCG se desmembrou da Universidade Federal da Paraíba em 2002. Desde o primeiro ano da realização do seu processo seletivo, a prova de redação é pautada na solicitação da escrita de gêneros textuais.

Tal estudo poderá oferecer contribuições para as duas instituições diretamente envolvidas no processo seletivo, quais sejam as universidades, enquanto instituições elaboradoras do exame de vestibular, e as escolas de nível médio, enquanto instituições preparadoras para este exame. O contato com os resultados deste trabalho poderá, assim, apontar redirecionamentos ou reafirmar tanto (n)a elaboração das provas de redação do vestibular, quanto (n)a abordagem de redação realizada no ensino médio.

METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo formulado, realizamos uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa, de cunho qualitativo, a qual valoriza a interpretação, a descoberta e o processo de indução dos dados (cf. André, 1995).

Assim como Duarte (2002), acreditamos que os dados da realidade não se dão a conhecer, objetivamente. Por isso, a pesquisa descritivo-interpretativo não se limita à mera descrição destes que, sem dúvida, é uma etapa importante, mas procura sobretudo entender tais dados, explicá-los, mostrar o que significam e como significam.

A metodologia utilizada nesse tipo de pesquisa é, assim, centrada em métodos e procedimentos que visam interpretar os significados e as ações dos agentes envolvidos na investigação, numa perspectiva qualitativa (cf. Moita Lopes, 1994). Nesse sentido, está relacionada aos princípios subjacentes ao paradigma interpretativo, em oposição ao positivismo, no qual são utilizados métodos e procedimentos que visam à formulação de leis gerais, numa perspectiva quantitativa (cf. Moreira; Caleffe, 2006).

O *corpus* analisado foi constituído pelas duas provas de redação aplicadas em 2007 pela Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV).

FUNDAMENTÃO TEÓRICA

Letramento: um fenômeno plural

A palavra *letramento* é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy* que significa “a condição de ser letrado”, um atributo dado àqueles que tanto dominam as habilidades de leitura e escrita quanto sabem usá-las nas diferentes situações sócio-comunicativas nas quais são requeridas. Embora *literacy* tenha esse duplo sentido, o *letramento* diz respeito ao uso da leitura e da escrita; já o *saber ler e escrever* é denominado de *alfabetização*.

Quando realizamos pesquisas fundamentados teoricamente nos estudos sobre letramento, pelo menos duas concepções são evocadas: a autônoma e a ideológica. Na primeira, pressupõe-se que há apenas uma forma de conceber o letramento, sendo esta forma caracterizada pela supremacia da modalidade escrita, que é vista como um produto completo em si mesmo, cuja interpretação é determinada pelo funcionamento/ articulação dos elementos internos do texto. Dessa forma, o letramento é pensado como atividade única, universal, invariável e singular, já que é a mesma seja qual for a situação comunicativa em que figurar.

Já na segunda concepção, estudiosos tais como Scribner e Cole (1981), Heath (1983), Street (1984), Barton e Hamilton (2000) e Gee (2000) começaram a defender a tese, com a qual concordamos, de que não há um Letramento com “L” maiúsculo e “o” no singular, porém múltiplos letramentos situados em contextos sociais e culturais nas sociedades em que surgem.

Nessa perspectiva, a leitura e a escrita, consideradas interligadas à ideologia e ao contexto sócio-histórico em que aparecem, são vistas como atividades humanas complexas, intimamente relacionadas às pessoas e aos lugares onde são utilizadas. Isso nos permite dizer que os usos e as funções do letramento se modificam a cada agência de letramento na qual são observados.

As agências letradas dizem respeito às áreas da vida (casa, trabalho, escola, igreja, etc.) dos sujeitos, as quais estão associadas a diferentes letramentos – escolar, acadêmico,

mediático, familiar, político, religioso, profissional, entre outros. Nestas agências, aparecem eventos de letramento, que, por sua vez, requisitam determinadas práticas letradas.

Barton e Hamilton (2000), Marcuschi (2001), Kleiman (2001), Lopes (2006), esses três ancorados naqueles, defendem que os eventos de letramento são atividades nas quais o letramento tem um papel. Geralmente, há um texto escrito ou textos, e o central nessas atividades é a discussão sobre o texto. Na maioria das vezes, são atividades que têm textos escritos envolvidos para serem lidos ou para se falar sobre eles. Com isso, podemos dizer que os eventos de letramento são situações comunicativas *mediadas* por textos escritos. Ao destacarmos a palavra *mediadas*, queremos dizer que, para ser um evento, não é necessária a presença de um texto escrito graficamente, mas que a ideia de um determinado texto seja retomada oralmente.

A pregação de um padre ou de um pastor, por exemplo, é um evento de letramento, na medida em que esses representantes eclesiais organizam o seu discurso com base em leituras bíblicas e doutrinárias. A consulta médica é também um evento, já que o médico atende ao paciente, dá-lhe o diagnóstico e lhe prescreve um remédio com base na leitura da literatura médica, em leituras feitas durante sua formação enquanto profissional da área. As aulas expositiva-dialogadas, ministradas pelos professores, são também eventos, uma vez que o discurso do professor, assim como do aluno, estão pautados em experiências de leitura, no conhecimento de mundo que ambos têm quanto ao tema focalizado na aula.

Já as práticas letradas são definidas por Barton e Hamilton (2000, p. 7) como sendo maneiras culturais como as pessoas usam a língua escrita na sua vida. Entretanto, não é permitido às pessoas utilizarem a língua da forma que quiserem, quando, onde e com quem preferirem. As práticas são formadas por regras sociais que regulam o uso e a distribuição dos textos, prescrevendo quem pode produzir ou ter acesso aos mesmos. Tais regras foram constituídas pelas agências de letramento, logo, cada agente demonstra determinadas práticas conforme a agência da qual ele participa.

Isso porque as práticas letradas articulam as atividades de leitura e escrita às estruturas sociais em que elas são embutidas e que ajudam a formar (cf. Barton; Hamilton, 2000; Marcuschi, 2001). Desse modo, estão sempre orientadas por finalidades sociais e culturais, além de serem construídas sócio-historicamente pelas agências.

Vale salientar que as práticas são relativamente estáveis, apresentando determinadas características que lhes foram definidas como constitutivas, mas, ao mesmo tempo, são flexíveis, pois podem ser apropriadas pelos agentes de formas diferenciadas. O fato é que não é possível criar práticas todos os dias, senão não haveria relações interpessoais estáveis.

Desta forma, podemos dizer que a prática letrada não é a mesma em todas as situações. Se assumimos isso, estamos assumindo que os letramentos não se confundem com a alfabetização. Enquanto aqueles dizem respeito à competência que o sujeito tem em lidar com as demandas de leitura e de escrita requeridas nas diferentes práticas sociais, este se refere ao domínio do código linguístico, o que não garante, necessariamente, a inserção dos sujeitos no universo letrado.

Essa diferenciação confirma a existência de vários tipos de letramento, familiar, religioso, literário, político, digital, midiático, e não apenas a do escolar, bem como ratifica o fato de que o multiletramento, permeando a sociedade, contribui para o surgimento dos níveis de letramento – sujeitos mais letrados em certos letramentos em detrimento de outros – mas dificilmente iletrados em qualquer agência.

Portanto, estamos partindo do pressuposto de que as práticas de uso da escrita são amplas, variáveis e plurais, sendo situadas social e culturalmente, assumindo significados específicos em contextos determinados, instituições e esferas sociais. Isso implica reconhecer que, da mesma forma que os agentes estão distribuídos social, econômica e culturalmente de maneira desigual na sociedade, eles têm contato com diferentes tipos de letramentos, uns mais que outros, apresentando, portanto, níveis diferenciados de letramento. Por isso, partilhamos da idéia de Vóvio e Souza (2005, p. 46-47) quando afirmam que

Visto que numa dada cultura há diferentes letramentos associados aos variados domínios da vida, bem como diversidade nos modos como os sujeitos tomam parte de eventos e situações nesses domínios, parece-nos adequado e relevante examinar de que forma esses sujeitos, situados em contextos específicos, membros de determinadas comunidades, atuam em eventos mediados pela escrita.

Gostaríamos de finalizar este item com uma afirmação de Geertz (1997, p. 11) bastante pertinente à perspectiva de letramento aqui adotada: “Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo (...) as formas de saber são sempre inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros”. Essa afirmação do antropólogo está em plena concordância com o cerne de nossa abordagem, haja vista que os estudos realizados conforme essa perspectiva são indissociados da cultura, pois os usos e os significados da escrita são concebidos socialmente e historicamente situados.

No próximo item, mostraremos as práticas letradas requeridas pelo evento prova de redação o qual se configura na agência acadêmica.

ANÁLISE

O Manual do Candidato ao Vestibular da UFCG (2007, p. 76), no capítulo Programa das Disciplinas, apresenta algumas orientações gerais para a prova de Língua Portuguesa, na qual está inserida a redação, conforme pode-se ler:

Na escrita, situação de interação socialmente situada, o candidato deverá demonstrar capacidade de: 1) expressar-se com grau de formalidade adequado à situação comunicativa e ao tema; 2) produzir texto coeso e coerente *no gênero solicitado*. Para isso, deverá ter o domínio das seguintes habilidades e conteúdos: a) planificação do texto: *mobilização de conhecimentos sobre a relação entre a situação comunicativa, o gênero textual e o tema*. B) textualização: *mobilização de conhecimentos relativos a (1) formas de organização tipológica/sequencial do texto (descrição, narração, argumentação, injunção) e sua relação com o gênero*

selecionado; (2) aspectos coesivos (referenciação e sequenciação/encadeamento); (3) aspectos estilísticos (adequação ao grau de formalidade do texto, determinados pela relação autor/tema); (4) aspectos normativos (concordância e regência; convenções do sistema escrito – pontuação, ortografia, acentuação gráfica) [grifos nossos].

Os grifos acima evidenciam que o Manual refere-se explicitamente às noções de gêneros e de tipologias textuais. Embora não defina qual gênero é (ou será) objeto de avaliação na prova de redação, esse Manual sinaliza uma nova proposta teórica de escrita subjacente a essa prova – ancorada em situações comunicativas precisas com a solicitação da escrita de gêneros textuais³ –, diferente das propostas que tradicionalmente são apresentadas em concursos semelhantes, pautadas na indicação de dissertações, como já dito. Essa abordagem de gêneros nas provas de redação propostas pela UFCG sinaliza que a concepção de escrita adotada pelo MEC não influenciou apenas a academia, mas também o vestibular dessa instituição e algumas escolas de nível médio da cidade (cf. Silva; Lino de Araújo, 2006a).

Observando as provas de redação dos vestibulares regular e especial aplicados pela UFCG em 2007, notamos, de fato, à semelhança das provas realizadas em 2005 e 2006 (cf. Silva; Lino de Araújo, 2006b), a apresentação de uma proposta textual, na qual são indicados dois gêneros dos quais os candidatos deveriam escolher apenas um para produzir. Tendo-o escolhido, os vestibulandos deveriam atender a, pelo menos, três práticas letradas, a saber: participação no jogo enunciativo, adequação do texto ao tema proposto e uso do registro escrito formal da língua portuguesa.

A primeira prática letrada consiste no aceite da mudança de posição enunciativa – de vestibulando para a posição indicada na situação comunicativa proposta na prova. Ainda que os vestibulandos estivessem ocupando a posição enunciativa de candidatos que deveriam escrever a redação com vistas a serem

³ Estamos considerando a prova de redação como um gênero textual, já que esta concepção de gênero subjaz tanto as instruções dadas no Manual do Candidato quanto as indicadas na prova de redação.

avaliados no tocante a uma vaga no ensino superior, deveriam, no momento da produção textual, assumir uma das posições enunciativas sugeridas nas propostas de redação, conforme mostraremos a seguir. Isso porque um dos critérios observados pela banca corretora é a participação dos candidatos no jogo enunciativo.

A noção de jogo enunciativo foi estudada também por Lino de Araújo (2004), quando analisou o telejornal *Jornal Nacional*, transmitido pela Rede Globo de televisão. Segundo a pesquisadora, os sujeitos responsáveis pela transmissão de informações não assumiam a posição enunciativa de repórteres – aqueles que estão preocupados com o simples repasse de notícias –, mas, ocupavam, pelo menos, duas posições enunciativas diferentes, a saber: a de “defensores públicos”, já que criticavam as ações governamentais e reclamavam quanto ao descaso por parte dos políticos, defendendo, assim, os cidadãos, e a de “professores”, uma vez que instruíam/ensinavam os telespectadores como poderiam economizar energia, pois estavam em período do apagão (acionamento de energia).

Desse modo, assim como os repórteres assumem posições enunciativas diferentes como constitutivas do telejornal *Jornal Nacional*, fato que diferencia esse telejornal de outros, os candidatos ao vestibular da UFCG são incumbidos de assumir uma posição enunciativa que, provavelmente, não é a sua, como indício de que estão atendendo a uma das práticas letradas requisitadas pela prova, o que contribuirá para que obtenham êxito na redação.

O atendimento à segunda prática letrada, adequação do texto ao tema indicado, é tão importante quanto o é a primeira prática. Diríamos que é complementar ao jogo enunciativo, pois o candidato deve, além de assumir uma das posições enunciativas apresentadas na prova, abordar o tema proposto. Em outros termos, não basta apenas escrever uma palestra, por exemplo, respeitando as condições de produção e a estrutura composicional desse gênero, mas o candidato deve fazê-lo contemplando o tema indicado. O inverso também é verdadeiro: não basta abordar o tema, mas é preciso tratá-lo de acordo com a situação comunicativa criada na redação e a posição enunciativa.

A terceira prática letrada requerida na prova de redação diz respeito ao uso do registro escrito formal da língua portuguesa, tanto porque é característico dos gêneros solicitados como por causa da exigência do concurso vestibular.

Vejam os de que forma as três práticas letradas são requeridas nas provas de redação aplicadas nos vestibulares regular e especial da UFCG em 2007:

Exemplo 1

REDAÇÃO

Os textos “As viúvas do sertão”, “Droga tipo exportação” e “Um negócio lucrativo” podem ajudá-lo(a) no recorte temático do gênero escolhido para produção. NÃO é permitido copiar fragmentos desses textos sem que sejam usados, com a indicação da fonte, para apoiar sua argumentação.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A revista Nordeste está preparando a edição comemorativa de 1º aniversário, com a criação de duas novas seções: *Cartas e Memórias*. O tema dessa edição comemorativa é *a realidade difícil da zona rural, com destaque para as condições subumanas de sobrevivência das políticas públicas de fixação do homem no campo*. Como conhecedor dessa realidade, escolha UMA das duas situações comunicativas apresentadas a seguir, para redigir seu texto, com, no mínimo, 20 linhas e, no máximo, 25, a ser enviado para a revista.

SITUAÇÃO I

Imagine-se um cidadão atuante em prol das melhorias da condição do homem do campo e elabore uma CARTA-PROTESTO, sobre o tema da edição da revista.

ATENÇÃO!!!

CARTA-PROTESTO é entendida nesta prova como um gênero de texto, em que se discute um fato que gera insatisfação pessoal ou coletiva, com o objetivo de chamar a atenção da população para as possíveis soluções desse mesmo fato. O registro linguístico utilizado é o formal.

SITUAÇÃO II

Imagine-se como descendente de um homem do campo e elabore suas memórias referentes a experiências vividas na infância e adolescência.

ATENÇÃO!!!

MEMÓRIA é entendida nesta prova como um gênero de texto, em que se recuperam experiências e lembranças de vida individuais ou coletiva, com um teor reflexivo/interpretativo, utilizando o registro formal da língua.

(Prova de redação do vestibular regular UFCG 2007)

Exemplo 2

REDAÇÃO

Escolha UMA das duas situações comunicativas apresentadas a seguir, e redija seu texto, com 20 linhas, no mínimo, e 25, no máximo.

SITUAÇÃO I

A Editora Globo reeditou o romance de Érico Veríssimo *Clarissa*. A revista *Época*, interessada pela temática desse romance, achou conveniente publicar uma resenha sobre ele. Como resenhista de veículos de comunicação escrita, escreva essa RESENHA, para ser publicada na revista semanal *Época*, que tem como leitores público jovem e adulto, com grau de escolaridade médio e superior.

ATENÇÃO!!!

RESENHA é entendida, nesta prova, como um gênero textual que apresenta, de forma sintética, uma obra (características, informações, forma...) acompanhada de uma avaliação, com o objetivo de oferecer informações que orientem o leitor sobre a leitura ou não dessa obra. O registro linguístico é o formal.

Para escrever sua resenha, inclua o resumo do enredo, comentários sobre a personagem central e sobre a ambientação em que a narrativa se desenvolve.

SITUAÇÃO II

Imagine-se como um profissional que teve dificuldade de escolher sua profissão e que deverá proferir uma PALESTRA, para um público formado por jovens e seus pais, sobre a escolha de um curso superior.

ATENÇÃO!!!

PALESTRA é entendida, nesta prova, como um gênero de texto que, mesmo sendo apresentado oralmente, é previamente escrito, desenvolvendo-se o tema proposto. A profundidade com que se explora o tema depende do público alvo e do tempo de que se dispõe. Escrito em registro formal, pode conter expositivas, argumentativas, narrativas e/ou descritivas.

Para auxiliá-lo a planejar sua palestra, releia os textos I e II. Não copie partes dos textos, sem que sejam indicadas as fontes e sem que elas fundamentem sua argumentação ou exposição.

(Prova de redação do vestibular especial UFCG 2007)

Podemos observar nas provas apresentadas uma relação singular, já que no interior de cada prova de redação é solicitada a produção de dois gêneros, carta protesto e memória (vestibular regular 2007), palestra e resenha (vestibular especial 2007), para os quais são apresentadas condições de produção específicas, a exemplo de objetivo, público alvo, ambiente de circulação. Nesse sentido, a antiga exigência de escrita de dissertação perde força ante a solicitação de variados gêneros, destinados a públicos distintos, em situações comunicativas diferenciadas.

Assim, em função dessas situações, estabelece-se um jogo enunciativo, ao qual o candidato deve responder, considerando duas condições superpostas. Uma delas simulada, na qual deve assumir o papel social indicado nas instruções referentes ao gênero escolhido e escrever para o locutor sinalizado na prova, e outra real, na qual deve produzir um dos gêneros indicados na prova com o objetivo de ser avaliado pela banca de correção. Tais condições são bastante imbricadas, haja vista que o cumprimento das práticas letradas requeridas na simulação implica o atendimento à situação real. Em outros termos, a participação no

jogo enunciativo se constitui numa prática exigida na prova de redação.

Esse jogo é sinalizado no início das instruções dadas para a produção de cada gênero, no item SITUAÇÃO, pelo uso do verbo “imagine”, cuja carga semântica aponta para uma escrita fundamentada numa criação, num convite para o candidato “esquecer” a sua posição enunciativa, vestibulando, e assumir outra que, provavelmente, não é a sua de origem: *cidadão atuante em prol das melhorias da condição do homem do campo, descendente de um homem do campo, ou resenhista de veículos de comunicação escrita e profissional que teve dificuldade de escolher sua profissão.*

Tendo assumido uma das posições enunciativas indicadas na prova, o candidato deverá produzir o gênero escolhido para ser supostamente publicado em meios de comunicação. A memória e a carta protesto seriam teoricamente publicados na *Revista Nordeste* e a resenha, na *Revista Época*. Já a palestra deveria ser escrita com o objetivo de ser proferida para um público formado por jovens e seus pais. A referência a essas revistas, bem como a indicação do público alvo da palestra contribuem para a constituição da simulação do contexto comunicativo dos gêneros indicados.

Os jogos enunciativos são recorrentes nas provas de redação em que é solicitada a produção de um gênero textual, isso porque, embora sejam indicados o objetivo da produção, o público alvo e o ambiente de circulação do gênero, o destinatário é o corretor de redações de vestibular que as avalia com o objetivo de selecionar candidatos que almejam uma vaga no ensino superior.

Dessa forma, as situações comunicativas propostas na prova, assim como acontece normalmente na escola, não se concretizam efetivamente, mas servem para orientar a escrita dos candidatos, de modo que não pensem que o ato de escrever é um dom (cf. Sercundes, 1998) e, portanto, que não é necessário conhecer o objetivo do texto e o interlocutor alvo antes de escrever. Já é característico desse gênero não circular, a menos que a instituição elaboradora do concurso decida publicar, em sites ou em livros, as melhores redações produzidas no

vestibular, como acontece, por exemplo, com os textos escritos nos vestibulares da UNICAMP (2003).

A participação no jogo enunciativo implica, além de adequar o texto às condições de produção, respeitar as estruturas composicionais dos gêneros, as quais foram, brevemente, descritas nas provas no item *ATENÇÃO!!!*

No caso da escrita da memória, como se trata de um gênero cujas sequências textuais predominantes são a narrativa e a argumentativa, podendo aparecer também a descritiva, os candidatos deveriam recorrer aos elementos da narrativa: definir uma experiência a ser contada por um narrador-personagem, caso a experiência fosse individual, ou por um narrador-observador se a experiência fosse de um terceiro, envolvendo personagens situadas em um determinado tempo e espaço. Além da apresentação da história e da caracterização/descrição das personagens e do ambiente, os candidatos deveriam refletir a respeito da recordação, conforme prática exigida pela prova – *recuperar experiências e lembranças de vida individuais ou coletiva, com um teor reflexivo/interpretativo.*

No caso da produção da carta-protesto, conforme instruções dadas na prova, os candidatos deveriam *discutir sobre um problema que está afetando a população e, ao mesmo tempo, alertá-la quanto à necessidade de buscar soluções para esse fato.* Para tal, poderiam recorrer, pelo menos, a sequências textuais expositivas, argumentativas e injuntivas. Embora não tivesse explícito na prova, os candidatos deveriam escrever a carta, respeitando a estrutura formal desse gênero, a saber: local e data, saudação inicial, corpo da carta, saudação final e assinatura. Além disso, deveriam, ao longo do texto, interagir com o destinatário, outra característica do gênero carta.

Em relação à resenha, foi descrita na prova como *um gênero textual que apresenta, de forma sintética, uma obra (características, informações, forma...) acompanhada de uma avaliação, com o objetivo de oferecer informações que orientem o leitor sobre a leitura ou não dessa obra.* Nesse sentido, os candidatos poderiam utilizar sequências expositivas, para apresentar informações sobre a obra; narrativas, para contar o enredo do romance; argumentativas, para tecer comentários e injuntivas para

persuadir o leitor sobre a leitura ou não da obra. Apesar de não constar nas instruções sobre a resenha, os candidatos deveriam também formular um título.

Quanto à palestra, foi caracterizada na prova como um gênero previamente escrito, cuja profundidade com que se explora o tema depende do público alvo e do tempo de que se dispõe. Podendo conter sequências expositivas, argumentativas, narrativas e/ou descritivas. Nessas instruções, não é explicado para os candidatos o passo a passo da produção da palestra, que, em geral, acontece da seguinte forma – primeiro, o palestrante saúda o público, apresenta-se e diz o objetivo de sua fala; depois, ele começa a tratar sobre o foco de sua palestra e, ao final, tende a fazer um apelo ao público no tocante ao que foi exposto.

A descrição dessas quatro situações comunicativas apresentadas nas provas aponta para uma relação entre a participação no jogo enunciativo e o acionamento de práticas letradas advindas de letramentos, haja vista que, para assumir uma das posições enunciativas indicadas, os candidatos devem recorrer a práticas letradas que se configuram não apenas no letramento escolar, mas também em outros letramentos.

A memória e a palestra, diferentemente da resenha e da carta, quase não aparecem nos livros didáticos e nos módulos de conteúdo, utilizados na escola, e raramente são discutidas ou ensinadas nas aulas ministradas pelos professores de Língua Portuguesa/Redação. O que implica dizer que a banca elaboradora das provas está exigindo dos candidatos não apenas gêneros abordados na agência escolar, mas também em outras agências de letramento, de modo que, aqueles que têm contatos com letramentos tendem a obter bons resultados na redação, ao passo que aqueles cujas práticas letradas limitam-se às escolares tendem a apresentar um desempenho pouco satisfatório, conforme dados analisados por Silva (2008).

Em outros termos, podemos dizer que o letramento escolar parece não ser suficiente nem o único que pode ajudar os candidatos a demonstrar as práticas letradas exigidas nas provas de redação aplicadas pela UFCG.

Em relação à segunda prática letrada requerida, adequação do texto ao tema indicado, os candidatos deveriam

participar do jogo enunciativo contemplando os seguintes temas: *realidade difícil da zona rural, com destaque para as condições subumanas de sobrevivência das políticas públicas de fixação do homem no campo* (prova aplicada no vestibular regular) e, caso não tenham preferido escrever a resenha sobre o livro *Clarissa*, deveriam escrever sobre o tema *escolha de um curso superior* (prova aplicada no vestibular especial).

Ainda que os candidatos não tivessem conhecimento prévio do assunto, a contribuição temática foi oferecida, nas duas provas, uma vez que os textos apresentados na prova de língua portuguesa – “As viúvas do sertão”, “Droga tipo exportação” e “Um negócio lucrativo” (vestibular regular) e “Como escolher a carreira certa” e um trecho do livro “Casa de Pensão” (vestibular especial) – tratavam, (in)diretamente, do tema focalizado na redação. Desse modo, eles poderiam fazer referência, em suas produções, a esses textos, na condição de subsidiar a argumentação presente no gênero produzido, conforme orientação dada nas provas – *Não copie partes dos textos, sem que sejam indicadas as fontes e sem que elas fundamentem sua argumentação ou exposição.*

O oferecimento de contribuição temática é outro elemento que favorece a configuração do jogo enunciativo proposto nas provas. Isso porque, mesmo sendo um contexto de seleção e uma avaliação pautada única e exclusivamente no produto, desconsiderando, portanto, a identidade e o histórico de letramento dos candidatos, a banca elaboradora da prova apresenta propostas de redação pautadas na concepção de escrita como processo.

Uma das características dessa concepção é a de que para escrever é preciso ter o que dizer, sendo a intertextualidade um fator importante para tal, visto que contribui com a consistência argumentativa apresentada pelo sujeito, o qual poderá fazer, no seu texto, referências a outros textos, seja com o objetivo de concordar com as idéias expostas, seja com o de refutá-las. Ao contrário da escrita vista como um dom, uma inspiração divina, na qual apenas a indicação do tema e do modelo de texto a ser escrito são considerados suficientes para que os candidatos escrevam a redação.

Confirma-se, assim, o jogo enunciativo, já que, embora a redação deva ser escrita com fins avaliativos, tem-se a preocupação de oferecer a todos os candidatos os elementos norteadores da produção textual em situações sócio-comunicativas reais – produção do gênero solicitado, articulando a estrutura composicional do mesmo às condições de produção dadas, assim como ao tema indicado.

Por fim, no que diz respeito à terceira prática letrada, uso da variedade padrão, foi mencionada nas duas provas de redação, sinalizando que os candidatos deveriam, além de escrever o gênero textual escolhido de acordo com a estrutura composicional e com o tema indicados, demonstrar domínio das normas que regem a norma linguística que tem prestígio socialmente, a qual será, preferencialmente, utilizada, na academia, lugar onde os candidatos pretendem ingressar e estudar.

Vale salientar que, embora tenhamos feito comentários sobre cada uma das práticas letradas requeridas pelas provas de redação, o fizemos separadamente pela complexidade do objeto de investigação e por questões didáticas, já que as consideramos imbrincadas e interligadas: a participação no jogo enunciativo proposto na prova de redação implica, além de respeitar as condições de produção do gênero textual escolhido, adequar o texto à estrutura composicional do gênero, ao tema indicado e utilizar o registro escrito formal da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função do objetivo estabelecido para este trabalho, verificamos que as provas de redação do vestibular da UFCG apontam para um novo modelo de redação, comparativamente ao que tem sido proposto pela maioria dos vestibulares, que solicitam a produção de dissertação escolar. Nesse novo modelo, tem sido solicitada aos candidatos a produção de diversos gêneros vinculados tanto à esfera escolar (resenha e carta), quanto vinculados a outras esferas sociais (memória e palestra).

Para responder adequadamente à prova de redação aqui focalizada, o candidato deve atender às práticas letradas subjacentes à situação comunicativa dada. Com isso, ele adentra

ao jogo enunciativo apresentado, no qual exerce duplo papel. Primeiro e inevitavelmente, o do candidato que responde à prova e disputa uma vaga no vestibular. Secundariamente, mas de máxima relevância por ser indicador da entrada no jogo enunciativo e da mobilização de práticas letradas, o papel do sujeito criado pela situação comunicativa.

Diante dessas constatações, concluímos que o letramento escolar parece não ser suficiente nem o único que pode ajudar o candidato a demonstrar as práticas letradas exigidas nas provas de redação aplicadas pela UFCG.

Como uma das finalidades do ensino superior é proporcionar uma formação geral aos alunos, parece-nos pertinente que, na prova de redação apresentada no vestibular da UFCG, sejam requisitadas práticas letradas configuradas em diferentes letramentos, através da qual são selecionados sujeitos multiletrados. Nesse sentido, os resultados aqui apresentados apontam para uma reflexão quanto ao tipo de práticas letradas que devem ser exigidas num vestibular.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. Fundamentos da pesquisa etnográfica. In.: *Etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995. p. 15-69.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy Practices. In.: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. *Situated Literacies*. London/New York: Routledge, 2000. p. 7-15.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 115, p. 1-13, 2002.

FERREIRA, Maria Nazareth Lopes. *Emprego das preposições: atualização nas redações do vestibular*. Dissertação de Mestrado. Campina Grande: UFPB, 1979.

GEE, James Paul. The New literacy studies. In: *Situated literacies*. Reading and Writing in Context. London: Routledge, 2000. p. 180-197.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GUALBERTO, Maria Ieda Félix. *Análise descritiva da concordância verbal no vestibular*. Dissertação de Mestrado. Campina Grande: UFPB, 1979.

HEATH, Shilery B. *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HILA, Cláudia Valéria Doná. As representações do contexto de produção da redação do vestibular. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2007. *Anais...* Santa Catarina, 2007. p. 837-852.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Formação do professor: retrospectivas e perspectivas na pesquisa. In.: ____ (Org.). *A formação do professor*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 13-35.

LEMONS, Cláudia T. G. de. Redações no vestibular: algumas estratégias. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, Unicamp-IEL, n. 23, 1977.

LIMBERTI, Rita de Cássia A. Pacheco. "Herrar" é "umano": alguns aspectos da produção textual de vestibulandos. In: LARA, Gláucia Muniz Proença (Org.). *Língua(gem), texto e discurso - entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, Minas Gerais: FALE/UFGM, 2006. p. 181-196.

LINO, Denise de Araújo. *Um "professor" no horário nobre: estudo da explicação em telejornais*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

LOPES, Iveuta de Abreu. *Cenas de letramentos sociais*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, 2006.

MANUAL DO CANDIDATO, COMPROV / UFCCG, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In.: SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 23-50.

MEC 94/2001. Portaria.

MOITA LOPES, L. P. da. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, Educ, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Abordagens à pesquisa e classificação da pesquisa. In: *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 39-94.

PAVANI, Cínara Ferreira; KÖCHE, Vanilda Salton. Redação de vestibular: um gênero discursivo heterogêneo. *Caderno Seminal Digital*, ano 12, v. 5, n. 5, 2006.

PÉCORA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PILAR, Jandira. A redação como gênero. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 159-172.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

SERCUNDES, Maria Madalena Iwamoto. Ensinado a escrever. In: CHIAPPINI, Lígia; GERALDI, João Wanderlei (Org.). *Aprender e ensinar com textos*. v.1. São Paulo: Global, 1998. p. 21-39.

SILVA, Elizabeth Maria da. *Práticas de escrita e histórico de letramento em redações de vestibular*. Universidade Federal de Campina Grande, 2008.

SILVA, Elizabeth Maria da Silva; ARAÚJO, Lino de. Redação no vestibular e no ensino médio: um estudo sobre efeito retroativo. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 3., 2006. *Anais...* Campina Grande, 2006a. p. 34-44.

_____. Redação e/ou gêneros textuais: caminhos de produção de textos no vestibular e no ensino médio. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 21., 2006. *Anais...* João Pessoa, 2006b.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

THEREZO, Graciema Pires. *Como corrigir redação*. Campinas, São Paulo: Alínea, 2002.

Vestibular Unicamp: redações 2003. Pró-reitoria de graduação. Comissão permanente para os vestibulares. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

VÓVIO, Cláudia Lemos; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento. In: KLEIMAN, Angela B.; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Org.). *Letramento e formação do professor - práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005 (Coleção Idéias sobre Linguagem). p. 41-64.

ZANUTTO, Flávia; OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de. O gênero redação de vestibular: o que prova essa (re)produção textual? *Máthesis - Revista de Educação*, v. 5, n. 1, p. 83-103, 2004.

Recebido em 10 de abril de 2010
e aceito em 05 de julho 2010.

Title: *Textual genre requirement in the composition tests of UFCC*

Abstract: *Having in mind that some institutions, following the example of the Federal University of Campina Grande (UFCC), have been requiring the writing of a textual genre instead of an essay in the composition test, traditionally requested in school and in most university entrance exams, this article aims at describing and analyzing the composition test applied in the 2007 university entrance exam of UFCC. The data, which were analyzed on the basis of literacy studies (Barton; Hamilton, 2000; Gee, 2000; Vóvio; Souza, 2005), indicated that school literacy practices seem to be insufficient to enable candidates to demonstrate the practices demanded by those exams, because other literacies, such as the mediatic, are also required.*

Key words: *Composition; textual genre; literacy practices.*

